



HOMENAGENS PÓSTUMAS

Homenagem aos que partiram O som das palavras

Aglaé D'Avila Fontes

A palavra sempre despertou em mim, um desejo de aprofundar o conhecer de sua força e uso. Como elemento da comunicação entre as pessoas, elas têm o poder de unir ou espalhar o ódio, de levar emoção ou de lançar a desconfiança entre os humanos.

445


Ela é fogo ou gelo!
Ela eleva ou destrói!

Dona do poder, a depender de quem a usa, pode causar benefício ou trabalhar a discórdia. Pode-se então ver que, mesmo depois de tanto desenvolvimento, o mundo se posta diante da dualidade: o bem e o mal.

O que desejo, na verdade, é que o som da palavra possa cantar a vida dos que passaram pelo IHCSE que agora estou a presidir. Vejo que a morte é muito cruel com os seres humanos, pois quando chega, leva aos que amamos, aos que admiramos e respeitamos.

Como um mecanismo de defesa dos que ficam, os fazeres dos que partem começam a ser esquecidos. Temos até um conjunto de palavras próprias para justificar isso:

...devemos nos conformar
...foi Deus quem quis
...a vida continua

A palavra, pela sua força, tem poder de convencimento. Soa aos ouvidos de todos e começa a limpar as lágrimas choradas, as ausências sentidas porque, afinal, a vida continua.

Por isso, é preciso que se fale dos que foram levados pela morte, para que o som do seu nome seja repetido, para que a melodia da vida seja cantada.

Os anos de 2018-2020 foram cruéis com o IHGSE pois tivemos o falecimento de grandes sócios:

Pedrinho dos Santos
Estácio Bahia Guimarães
João Gomes Barreto
João Alves Filho
Luiz Eduardo Magalhães

446



A cada um, a saudade do IHGSE, pois como diz o poeta:

“E hoje, dizer seus
Nomes é fazer
Música como elegia
Aos que foram
Para o silêncio”
(Wagner Lemos)

Estácio Bahia Guimarães

Conheci Estácio no Conselho Estadual de Cultura, quando fazíamos parte do mesmo colegiado. Aprendi a admirar aquele moço que tinha sempre uma forma educada de opinar sobre os temas estudados ou nos pareceres que sabiamente apresentava nos processos culturais.

Depois, fiquei sabendo que era advogado, escritor, formado também em administração, empresário, com um tempo de vida ilustrado por muitas ações culturais, vindas de sua família, Bahia, no sobrenome. Estácio nasceu em Salvador, no dia 9 de fevereiro de 1943, filho de Carlos da Silva Guimarães e de Sílvia Regina Bahia Guimarães.

Sua família respirava arte. Sua mãe era pianista e a tia, Maria Bahia, também formada em música, era professora de piano e cravo na UFBA vindo a casar-se com Joaquim Kellrouther, músico alemão radicado no Brasil e fundador dos Seminários Livres de Música da UFBA dos quais fui aluna. Para completar, o seu tio José Bahia, esteve presente nas artes visuais baianas com destaque, tendo sido aluno de Pancetti. Isto sem falar no avô Álvaro Bahia, que sempre estimulou a família na área de literatura e das artes em geral.

Não é, pois, de estranhar que esse clima respirando arte, tenha levado o jovem Estácio a se inscrever nos cursos de música e de teatro da UFBA. Na música, escolheu como instrumento a clarineta e, no teatro, chegou a participar sob a direção de Martins Gonçalves de várias montagens como “A ópera dos três tostões”, de Bertold Brechet; “A longa jornada noite adentro”, de Eugéne O’Neill, Sara e Tobias de Paul Clodel, sem falar na “Rosa Tatuada”, de Tennessee Williams.

Pela relação dos autores, se pode ver o nível da dramaturgia trabalhada na formação do jovem Estácio. Suas experiências culturais também o levaram para a área das artes visuais e esta a conquistou completamente. Teve seus trabalhos selecionados para o Salão Esso de Artistas Plásticos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Depois, veio a Primeira Bienal Nacional do Artes Plásticas da Bahia, em 1966. E em 1986 ganhou a Medalha de Prata do Salão Nacional de Artes Plásticas “Genaro Carvalho”.

O menino que fez ginásio nos “Maristas” e segundo grau no “Antônio Vieira” se via agora a descobrir seu caminho na arte, e a maturar seus conhecimentos na UFBA. Na verdade, as artes visuais e a literatura exerceram um encanto maior na sua vida. Isto sem falar no amor, quando conheceu Amélia da Cruz Leite Franco, com a quem veio a se casar em 1968. A união foi enriquecedora com a chegada de Carlos Augusto, Silvia, Gustavo e Estácio, filhos queridos, que lhe deram certidão afetuosa de sergipanidade. Além disso recebeu título de ‘Cidadão Aracajuano’, em 1995, pela Prefeitura a partir da indicação da vereadora Suzana Azevedo. Confirmado em 1999 pelo Governo do Estado como cidadão sergipano, indicado

pelo deputado Jorge Alberto, pois ‘Sergipano’ já era pelo afeto e pelo compromisso cultural com nossa gente.

Escritor, poeta modernista e contista, deixou sua marca de grande sensibilidade nos livros que escreveu, fora os artigos em revistas e jornais. “Respingos” e “Tecidos de Arco-íris” são alguns de seus livros.

Quando assumi a presidência do IHGSE em 2018, ele já era sócio efetivo desde maio de 2013. Sua capacidade intelectual era sempre comentada pela beleza dos seus pronunciamentos, discursos e poesias. A Academia Sergipana de Letras o acolheu como membro eleito na cadeira nº 29, em 2001, cujo patrono é Jackson de Figueiredo e fundador Abelardo Cardoso. Antes dele a cadeira foi ocupada por Padre Domingos Fonseca e Luiz Rabelo Leite. Sua posse foi na verdade, uma noite memorável, pelo discurso brilhante do acadêmico empossado que traçou um perfil do seu patrono.

Sempre havia uma conversa agradável nos eventos que frequentávamos. Assim é que numa solenidade do Instituto Banese, falávamos sobre a importância da cultura popular, e sua presença no Largo Sergipano, e a música que unia todos os personagens, quando Estácio lançou uma pergunta:

“Professora, a senhora quer um piano para o Instituto?”

Não existe não para uma instituição que, no passado, teve um piano de cauda destruído por um caminhão desgovernado quando saía para ser consertado. Dele, guardamos os teclados de suas notas silenciadas. Então, a ideia de um piano para o Instituto soava como um canto dos anjos. Estácio confirmou que o piano era da sua família e que estava sem uso com a ida do filho para São Paulo. Terminei sabendo que o piano estava no sétimo andar do prédio onde se situava seu apartamento, para o qual fui convidada a visitar.

A procura de uma firma que fizesse retirada do piano e sua chegada ao IHGSE foi outra uma ação dificultosa, pois o Instituto não podia arcar com seus custos. Mas, Estácio, o homem gentileza, deu um jeito na situação, pedindo ao Dr. Albano Franco, também sócio do Instituto, que se responsabilizar pelos Dois mil reais cobrados

pela firma. E assim, o piano alemão saiu das alturas do apartamento para o Auditório do IHGSE. Hoje, aguarda uma revisão técnica para ser tocado.

Tenho certeza, que se estivesse ainda entre nós, o Estácio sensível a arte, o grande poeta e artista plástico, iria descobrir uma forma do som do piano, que marcou os saraus familiares e acompanhou as escalas, minuetos e sonatas do seu filho, voltar a soar junto à história do nosso IHGSE.

João Gomes Cardoso Barreto

Quando dr. João Gomes Barreto nos deixou, ficou um grande vácuo no IHGSE. Na sua ficha de sócio benemérito estava escrito: “Nasceu a 8 de abril em Maruim, filho de Bráulio Meneses Barreto e de Cecília Cardoso Barreto”. E era o dia 9 de maio de 2020.

A descoberta das letras e da leitura ele fez em Maruim mesmo, com a prof^a Leopoldina Batista de Almeida. Os cursos ginásial e técnico em Contabilidade foram feitos nos colégios Tobias Barreto e Salesiano, pois a família se mudou para Aracaju. Aos 16 anos já começou a trabalhar e foi ganhando experiência no Escritório dos Irmãos Barreto e depois na Ribeiro & Cia. Foi aluno da 1ª turma de Administração da UNIT.

Sua integridade lhe deu um passe para entrada no Serviço Público pela mão do deputado Francisco Porto – pai do médico Lauro Porto. Depois foi a vez do Prefeito Cleovansóstenes Pereira de Aguiar (1971 a 1975), convidá-lo para o posto de Secretário de Administração. Aí sua trajetória se firmou, participando de várias outras administrações, principalmente, a de João Alves Filho de quem se tornou grande amigo. O acompanhou quando o amigo foi desempenhar o cargo de Ministro do Exterior. Por várias vezes foi Secretário de Educação, Chefe de Gabinete Civil; sempre requisitado pela sua honestidade e capacidade de trabalho.

Tive a honra de substituí-lo no último governo João Alves como Secretário de Educação. Por onde passava, Dr. João Barreto era apreciado pela educação, integridade e respeito no trato público. Possuía uma forma muito especial de transitar no meio político;



acalmando ânimos exaltados, aconselhando em situações conflituosas.

Foi reconhecido pela sua atuação e agraciado com a Medalha Serigy pelo então Prefeito José Carlos Teixeira. Recebeu também a Medalha de Mérito Cultural Aperipê no Governo João Alves Filho, e agraciado com a Medalha Rio Branco pelo Presidente Sarney.

Quando assumi o IHGSE, em 2018, ele já era sócio muito participativo e cooperativo; o que o tornou 'sócio benemérito', título sempre honrado com posições significativas. Um exemplo da sua preocupação com os destinos do sodalício se deu em 2019, quando passamos por um período de grande dificuldade financeira. Fiz um apelo aos sócios beneméritos, pedindo ajuda para fecharmos o ano. Era uma tarde qualquer, quando um carro parou em frente ao IHGSE e o motorista me entregou um envelope enviado pelo Dr. João Barreto. Pensei, no momento, que fosse um cartão de Natal. Era mais do que isso! Havia um cheque de 3 mil reais, o que nos permitiu pagar o salário do nosso funcionário e outras despesas. Quando me voltei para agradecer, já havia partido. Ficou a ação generosa, a gentileza do gesto, e a nossa gratidão. Esse é o seu perfil, de sensibilidade e de grande generosidade!

Quando nos deixou, em plena pandemia, estava sempre acompanhado de sua querida esposa Olga, outra pessoa de igual beleza moral e sensibilidade. Faleceu com 90 anos, em 9 de maio de 2020.

A bandeira a meio-pau no IHGSE foi como expressamos nosso sentimento de perda. Era muito pouco para aquela espécie de ser humano que, cada dia vai rareando entre nós!

Um canto de adeus para João Alves Filho

A um grande homem, dolorosa é a forma de se dizer adeus. Não há preparo que nos torne aptos, e as palavras fogem, inúteis e incompletas. Não há estrutura emocional que não seja derrubada, na hora de se dizer adeus. Ainda não conseguimos penetrar na filosofia da vida e do adeus que a morte provoca. Só nos resta mesmo, arrumar as lembranças...

da cultura sergipana, encontrou em João Alves Filho o apoio para sua estabilidade física e cultural, através de uma grande reforma por ele autorizada e concluída em 1992. Do IHGSE se fez sócio benemérito, com os ouvidos e o coração abertos para lhe dar o apoio sempre que solicitado. Já como Prefeito de Aracaju, em dezembro de 2013, dotou o sodalício de uma ajuda anual de dez mil reais, através da Lei Municipal nº 4.479. Depois dele, não cumprida.

O IHGSE se despede do seu benfeitor, João Alves Filho, com um Canto de Adeus doloroso, pois esteve contemplado na sua trajetória administrativa. E a História não se apaga!

